

De qualquer modo, a caracterização destas duas abordagens no contexto de psicologias ditas "fenomenológicas" ou "fenomenológico- existenciais" se deve ao fato de que ambas consideram, de certo modo, que a fonte de todo conhecimento autêntico está na experiência imediata de si e de outrem. Ademais, apontam para uma atitude terapêutica desprovida de ideias apriorísticas e fundamentam suas relações no momento do aqui-e-agora, no presente, na presença do terapeuta enquanto existente aberto à relação, ou seja, o terapeuta, neste sentido é muito mais "pessoa" (como assinala Rogers) do que propriamente um papel a ser desempenhado.

Embora a expressão "aqui-e-agora" já tenha conotações populares diversas, consideramos aqui alguns aspectos centrais a serem observados. Uma relação calcada no "aqui-e-agora" envolve, antes de tudo, abertura, totalidade e presença. Abertura para a possibilidade do encontro e presença efetiva do ser na relação enquanto totalidade. A partir disto, estabelece-se uma relação imediata, ou seja, uma relação onde não se interpõem meios entre o terapeuta e o cliente. Estas qualidades já são apontadas por Martin Buber (1923/1979), quando este fala do diálogo enquanto realidade existencial.

O que assinalamos até aqui, foi tão somente uma pequena parte do desenvolvimento das ideias fenomenológicas e de suas aplicações ao campo da psicologia. A Fenomenologia surgiu como um dos principais movimentos da filosofia do século XX. como uma autêntica "revolução cartesiana", como o retomo ao "pré-reflexivo", como o resgate das essências da realidade que se havia esquecido anteriormente pelas filosofias pragmáticas e objetivistas, cuja preocupação residia apenas no progresso das ideias voltadas para o objeto, para o "ter" materialista e não para a essência e para a existência, para o "ser".

ATITUDE FENOMENOLÓGICA E PRÁTICA CLÍNICA

*Então escrever é o modo de quem
tema palavra como isca:
a palavra pescando o que não é palavra.*

Clarice Lispector

A fenomenologia compete apresentar de maneira viva, analisar em suas relações de parentesco, delimitar, distinguir da forma mais precisa possível e designar com termos fixos os estados psíquicos que os pacientes realmente vivenciam. Visto que não se pode perceber diretamente um fenômeno psíquico de outrem, assim como se percebe um fenômeno físico, só se poderá tratar de representação, empatia e compreensão, a que poderemos chegar, segundo o caso, pelo meio de levantamento de uma série de caracteres e símbolos sensivelmente perceptíveis, por uma espécie de exposição sugestiva (Jaspers, 1913/1987. p. 71)

Esta colocação de Jaspers serve-nos de introdução à questão da aplicação da Fenomenologia à situação de prática clínica. Uma análise fenomenológica nos posiciona, enquanto clínicos, diante de um fenômeno específico que é uma pessoa, que vem até nós em busca de auxílio, de esclarecimento.

Falar da aplicação da Fenomenologia à prática clínica não significa transpor simplesmente certos conceitos específicos - que são filosóficos e lógicos, circunscritos a este campo - para o terreno da clínica. Cabe este alerta para que não se faça uma análise simplista das contribuições que o arcabouço fenomenológico pode nos proporcionar. Assim, não faz sentido falarmos de uma epoché na clínica ou de dizer que a tarefa de determinada técnica é de atingir a intersubjetividade. É preciso cuidado ao se fazer uma transposição de conceitos para campos diversos.

Quando falamos de "prática clínica", não estamos nos limitando à posição clássica da psicoterapia, mas estamos nos referindo a um conjunto de práticas que envolvem a tomada do fenômeno humano nos seus processos de subjetivação, o que nos obriga a um olhar mais acurado para as relações grupais, p. ex.. mas igualmente para outros modelos de relação psicológica, como é o caso do Aconselhamento Psicológico como uma escuta ativa clínica, certos tipos de Acompanhamento Terapêutico de terapias comunitárias, o CVV (Centro de Valorização da Vida), o Plantão Psicológico e até mesmo a situação de Psicodiagnóstico

Binswanger, por exemplo, é muito claro ao afirmar que sua leitura fenomenológica e sua proposição de uma análise existencial aplicada à clínica psicológica se refere a um novo "método de investigação", de uma nova compreensão do homem. Ora, sem esta compreensão, qualquer aplicação técnica seria vazia. Quando propõe a análise do dasein no contexto clínico. Binswanger (1965, 1967, 1971) se propõe a uma "elucidação fenomenológica da estrutura total ou da articulação total da existência como ser-no-mundo (In-der-Welt-Sein)". numa perspectiva claramente husserliana. Neste sentido, não "cria" uma psicoterapia nova. Do ponto de vista de Binswanger, a psicoterapia deve investigar a história do paciente, mas na direção da compreensão de sua história de vida e não no sentido de explicá-la. A psicoterapia atua no sentido de mostrar ao paciente onde, quando e em que medida a realização da plenitude de sua humanidade foi se tornando impossível, fazendo-o experimentar tudo isto da forma mais radical possível. Para Binswanger, o terapeuta se assemelha a um "guia de montanha", sendo o analista uma pessoa que se coloca no mesmo plano de seus pacientes: plano da existência comum, de companheiro existencial, onde a ligação entre ambos-terapeuta e paciente - não é um simples contato psíquico, mas um encontro.

Buber (1965, 1957/1988) igualmente nos alerta para certos perigos de uma análise simplificada do fenômeno psicológico, à luz das diversas filosofias. Num famoso coloquio com Carl Rogers, Buber aponta para certas divergências que uma interpretação psicológica de sua filosofia poderia ter. Estas divergências são ainda mais esclarecedoras do que a própria aproximação entre seus pensamentos (Rogers & Buber, 1957) 2008). Para Buber, a função do terapeuta que se aproxima da do educador seria de realizar as potencialidades do outro, o que passa por uma consideração deste outro tal qual ele é, numa consideração de si como um todo, simultaneamente como "potencialidade" e como "atualidade". Buber. Todavia, aponta para os limites que o princípio dialógico pode ter numa situação específica de psicoterapia, onde os papéis já estão previamente definidos e bem destacados:

Um homem vem a você para ser ajudado. A diferença essencial entre seu papel e o dele é visível. Ele vem para ser ajudado por você (...). E não é somente isto. Você o vê, realmente.

Não quero dizer que você não possa se enganar, mas você o vê, exatamente como ele é
(Buber. 1957/1988, p. 161)

O que Buber assinala é que não é função do cliente confirmar o terapeuta, enquanto que, do lado do terapeuta, compete a este confirmar seu cliente, e acrescenta:

(...) a relação específica de 'cara' terminaria no momento em que o paciente lembrasse e conseguisse praticar, de sua parte, o envolvimento, experienciando assim o evento do lado médico. O curar como educar não é possível, senão aquele que vive no face-a-face, sem contudo deixar-se absorver (Buber, 1923/1979, p. 152)

Este alerta apenas introduz uma leitura que a Fenomenologia e as Filosofias da Existência podem legar às práticas psicoterapêuticas. Então, como podemos entender a fenomenologia aplicada à psicoterapia: ou, como poderíamos definir uma postura fenomenológica num contexto clínico?

Segundo Bucher (1983), a Fenomenologia auxilia na compreensão dos processos de interação psicoterapêutica a partir da análise da intersubjetividade e da colocação do ser-no-mundo. A Fenomenologia, aplicada à Psicologia, pode ser entendida como uma postura, uma atitude que nos abre todo um leque de possibilidades, desde um modo de apreensão do humano até formas de plenificação da existência. Mas podemos partir do lado do psicoterapeuta nesta análise: como Buber já assinalara, é da responsabilidade do terapeuta se deslocar em direção de seu paciente para compreendê-lo. Isto traz à baila uma reflexão sobre as possibilidades e dificuldades que temos em nos posicionarmos de uma maneira "isenta", livre, despojada, diante das coisas e do mundo. E neste ponto, tocamos o que a Fenomenologia propõe como metodologia, como o "retorno às coisas-mesmas". Uma possível leitura que podemos ter do legado de Husserl para nossa situação específica de psicoterapeutas está exatamente no esforço em nos posicionarmos "sem misturas", sem amálgamas, diante das coisas, numa posição de observador que participa, mas não interfere. Situação complexa - senão impossível de ser realizada. Todavia, recordemos um ensinamento de Carl Rogers, quando se referia à "compreensão empática" e à "autenticidade", ambas atitudes do terapeuta. Dizia que o "estorço na direção de realizá-las e uma consequente percepção disto da parte do cliente paciente - já seria "terapêutico".

A situação de psicoterapia é uma situação de campo, onde nosso campo fenomenológico nosso campo vivencial, ou nosso "espaço vital". na expressão de Kurt Lewin- se relaciona e interage com outros campos fenomenológicos, partilhando experiências e sentimentos mútuos, mesmo reconhecendo a impossibilidade de uma troca de posição. Se não podemos trocar de posição com o outro, então não podemos afirmar nada a este outro, dado que isto seria apenas a minha projeção sobre este outro. Assim, podemos apenas acompanhar o processo do outro. Neste sentido, uma postura fenomenológica é uma postura compreensiva, onde a noção de "intervenção" ganha outros contornos: uma postura compreensiva - ao contrário de uma postura explicativa. como já assinalara Dilthey acompanha o processo do outro, e não interfere sobre este processo.

Esta postura, esta posição tomada pelo terapeuta, se caracteriza por uma escuta ativa, por uma observação atenta, numa espera pela emergência do fenômeno do outro. Ao contrário da perspectiva tradicional. naturalista ou explicativa, caracterizada por uma atitude apriorística, que atribui sentidos de fora para dentro. Para realizar esta tarefa e permitir a

emergência do outro enquanto fenômeno é preciso que o terapeuta se encontre com o cliente nele, com ele e através dele (Ribeiro, 1985). Para tal, faz-se necessário realizar uma operação de consciência, que encontra o similar lógico da "redução" na fenomenologia, e cujo significado essencial para o contexto clínico podemos designar pelo termo abertura, ou seja, significa que o terapeuta está aberto para perceber seu paciente na- aquilo que este se apresenta como mais essencial, naquilo que ele é, descobrindo-lhe a totalidade. E abertura nos remete a responsabilidade, que significa dizer que se está disponível, pronto a responder à demanda do outro (respons-habilidade).

Uma atitude que chamaríamos de "fenomenológica" difere de uma atitude "fenomenista".

Uma atitude "fenomenista" confunde o que se percebe com o próprio ato de perceber e, assim, o mundo se torna uma representação. Já a proposição husserliana da

Fenomenologia-na mesma esteira da dúvida cartesiana é de um questionamento contínuo e ininterrupto. Fazer fenomenismo é ficar no campo das simples descrições das aparências.

No campo da psicoterapia, encarar a emoção do cliente como uma mera expressão sintomática (seja positiva, seja negativamente) é colocar-se no plano do simples

fenomenismo: igualmente fenomenista seria a postura de inserir tal emoção ou vivido do cliente, dentro do arcabouço teórico de determinada abordagem, o que implicaria em considerá-la como a manifestação viva da tese a priori de tal ou qual abordagem ou, em outras palavras, seria simplesmente um "enquadre", onde se afirma não a compreensão de um sentido, mas a comprovação de uma tese sobre o sujeito e seu mundo. Assim, qualquer apropriação meta-teórica retira o sujeito de sua condição fenomenológica. Ao contrário, uma atitude fenomenológica seria a inserção de determinada manifestação do cliente na totalidade de sua existência. Tomemos um exemplo:

Estou pensando, especificamente, em certos trabalhos de corpo ou com o corpo, onde o gestaltista pode reduzir-se a um simples fenomenista, isto é, lidar com o que acontece, com as aparências de uma emoção, por exemplo, sem colocar este fenômeno dentro de um ser maior, sem perceber o sentido existencial daquela emoção com o restante da totalidade do cliente. Trata-se de uma ação sobre a aparência da aparência. Assim como a fenomenologia, a ação psicoterapêutica não pode ser uma simples descrição do que se vê, mas uma interrogação do todo que aparece (...). (Ribeiro, 1985, p. 45)

Em suma, se prestarmos atenção ao cliente, este se nos revela, não apenas em partes, mas na sua totalidade. As partes são objeto das ciências. O terapeuta que assume uma postura fenomenológica se torna um verdadeiro facilitador da emergência do ser de seu cliente, um facilitador do fenômeno-cliente, pois sabe que ninguém melhor do que ele-mesmo para interpretar a sua própria realidade. Esta é uma posição de- fendida explicitamente por Carl Rogers, por exemplo, e por boa parte da vertente existencial e humanista da Psicologia. A Fenomenologia passa a ter a valorização do encontro, do presente, do momento onde este ocorre. Jo aqui-e-agora.

Nesta perspectiva, a subjetividade do cliente/paciente não se dá em partes, mas em seu todo ou, dito de outra forma, o sintoma - como manifestação-presentifica o sujeito, apresenta-o em toda sua expressão existencial e em todas suas relações existenciais.

Um dos sentidos primordiais de uma "atitude fenomenológica" na clínica consiste, pois, na consideração do outro como um sujeito ativo e concreto-contrariamente à concepção naturalista que transforma este sujeito num "objeto", como um "doente" a ser "tratado", e

não como uma pessoa, como assinala Buber, que está no mesmo nível existencial do terapeuta, como aponta Binswanger. Fazer fenomenologia na clínica é valorizar e privilegiar o encontro, o "estar-junto" no presente, o que determina a diferença crucial entre a relação médica (que é unidirecional e caracterizada pelo uso de agentes intermediários - físicos ou bioquímicos, que são "aplicados" a um "paciente" que se submete ao tratamento) e a relação psicoterápica (que se caracteriza pela relação direta, cujo meio é o próprio "ambiente humano", na condição do diálogo, dia-logos, humano) (Bucher, 1989).

A psicoterapia deve ser entendida como um processo, onde a base é a relação de significados que o cliente traz. Neste processo, o atendimento psicoterápico é uma possibilidade de "ajuda" no paciente na compreensão de seu processo de significar. E os significados precisam ser buscados na palavra. Numa perspectiva fenomenológica, a palavra nunca é mero signo, mas é sentido, é significado, é ato, é a própria manifestação do ser-próprio do outro. Psicoterapia se torna então um processo de "pescar a palavra", como na poesia de Clarice Lispector: "Então escrever é o modo de quem tem a palavra como isca: a palavra pescando o que não é palavra. O terapeuta é como o escritor, que tem a palavra como isca. As palavras podem ser vazias, e estes vazios podem dominar o ser. Psicoterapia é um processo de re-descobrir sentidos, de re-significar coisas ou situações; é um processo de transformação, onde se transita de discursos vazios para o discurso transformador.

Na perspectiva fenomenológica privilegia-se a "qualidade" do contato e, no caso da psicoterapia, a qualidade da escuta é dirigida para o significado e não para o significante. Na expectativa de proporcionar a visualização de tal atitude - se isto é possível, através da rigidez dos esquemas teríamos algo semelhante ao que segue, enquanto possibilidade de se pensar a dialética da clínica:

IMAGEM

Tentamos explicitar o seguinte, a partir dessa esquematização. O "objeto" mesmo da psicoterapia-dado que a imensa maioria dos procedimentos técnicos nesse campo é de cunho verbal e a "fala", aquilo que é "dito" pelo cliente, é aquilo que ele traz privilegiadamente ao terreno da clínica". Esta "fala" pode ser considerada em duas perspectivas.

Num primeiro aporte, podemos considerá-la como "signo". Nesta perspectiva o que se fala, o que é "dito"- não corresponde ao que é expresso, ou seja, aquilo que se mostra "esconde" algo, não representa um sentido em si mesmo. Se assim for, este signo precisa ser "decifrado". e esta decifração se dá pela interpretação, que irá "revelar" o sentido "oculto" e não-acessível diretamente. Mas podemos ter uma segunda consideração, onde esta fala é tomada como um "fenômeno" em si e, como tal, o "dito" encontra correspondência com seus modos de expressão. Em outras palavras, o sentido não mais está oculto, mas igualmente presente na diversidade de modos de expressão, bastando para tal que seja

acessado pela "compreensão". Esta compreensão pode ser feita por qualquer modo de acesso ao sujeito do cliente, dado que - enquanto fenômeno este sujeito se manifesta e se apresenta, se presentifica, em todos seus modos de expressão, pois cada um deles é a totalidade presente do próprio sujeito.

Uma psicoterapia "fenomenológica" é aquela que busca o entendimento, a compreensão da palavra, ou seja, é o processo que faz a palavra falar (Amatuzzi, 2001b). Neste processo, o paciente vive e re- vive o incompreensível. Como expressa Clarice Lispector: "Escrever é procurar entender, é procurar reproduzir o irreproduzível, é sentir até o último fim o sentimento que permaneceria apenas vago e sufocador".

Fazer a palavra falar: esta é a tarefa da psicoterapia. Sair de um discurso vazio ou de um sentimento que sufoca, que não se expressa para um discurso que seja um dito, que seja um ato realizador. "Enquanto não for dito ou atualizado na plenitude de um dizer ou de uma presentificação, um sentimento permanece vago e sufocador. A partir do momento em que ele é dito, algo se transforma (...)" (Amatuzzi, 2001b, p. 63).

Uma psicoterapia fenomenológica caminha na direção de reunir palavra e sentido, dito e vivido (Merleau-Ponty), mas não através de uma imposição de sentido (de fora para dentro, como atribuição), mas de dentro para fora, como uma transformação que se dá no fenômeno próprio do ser do outro, através dele mesmo, permeado pela escuta do terapeuta. É esta escuta o principal instrumento do terapeuta que atua fenomenologicamente. Escuta de sentido, e não da forma. Como diz Cecília Meireles: "Nunca eu tivera querido, dizer palavra tão louca: bateu-me o vento na boca, e depois no teu ouvido. Levou somente a palavra, deixou ficar o sentido".

Rogers, em *Um Jeito de Ser*, coloca o seguinte: "O primeiro sentimento básico que gostaria de partilhar com vocês é a minha alegria quando consigo realmente ouvir alguém" (Rogers, 1983, p. 4). Ouvir realmente, escutar verdadeiramente. Esta é a tarefa do psicoterapeuta. Ouvir não a palavra dita mas o que diz a palavra, ouvir a palavra e escutar o sentido. A palavra falada nem sempre se encontra com o sentido vivido. Nas psicoterapias de orientação fenomenológica e existencial, a palavra é percebida em si e através de si.

"O que faz o psicoterapeuta? Ele nos ajuda a perceber como organizamos nosso mundo, e como nossos problemas se prendem à forma como fazemos isso" (Amatuzzi, 2001b, p. 69). Paul Ricoeur fala de um distanciamento que a linguagem opera em relação ao real, ao que chama de "distanciamento da significação". Ouvir é entrar em contato com o que a pessoa diz:

(...) a fenomenologia do ouvir se expande em fenomenologia do *dia- logo*. O que acontece então quando o ouvir chegou a esse nível de profundidade? O passo seguinte pode ser expresso assim: permitindo a interpelação do outro, sinto a necessidade da resposta. Seu discurso já não está nele. Está agora em mim. (Amatuzzi, 2001b, p. 71)

Uma psicoterapia "fenomenológica" é isto, uma relação inter- subjetiva. E uma boa metáfora para entendermos a fenomenologia na clínica é a questão do silêncio e da palavra: palavra e expressão, silêncio e expressão. Quantas e quantas vezes nossos clientes ficam em silêncio absoluto e nos dizem, ao mesmo tempo, uma infinidade de coisas. Saimos do terreno do "significado" (daquilo que é significado por alguém ou já dado) para o terreno do sentido, do vivido, que nos é comum e que cala, na própria fala.

A plena expressividade ou não da fala, ou seja, sua autenticidade, pode ser descrita a partir de sua relação com o pré-verbal que a mobiliza. Esse algo que a precede e a mobiliza, posto que não-verbal, pode ser denominado, numa aproximação primeira de silêncio. A fala é a ruptura de um determinado silêncio. (Amatuzzi, 2001a, p. 24)

O psicoterapeuta deve estar atento ao significado que a fala tem, naquilo que a conecta diretamente ao ser próprio do sujeito. A Fenomenologia diz de um sentido e um significado que antecedem no signo da própria fala, ou seja, diz de algo que remete o sujeito a um pré-reflexivo, a um pré-cognitivo. É a fala que contribui para modificar o sentido comum das palavras, mas os sentidos comuns que constituem a fala, afirma Merleau-Ponty (1945). "Quando a fala é original ela faz evoluir a própria língua" (Amatuzzi, 2001a, p. 25).

Para Merleau-Ponty, é o silêncio primordial que se encontra por detrás do "barulho das palavras" - que é a "alma da palavra promíscua", ou seja, é o que se concretiza e o que se constitui como sentido no mundo do discurso. Em outras palavras, é na fala que se realiza um sentido anterior. Mas, "a ruptura do silêncio que dá origem à fala não é propriamente a eliminação do silêncio, mas uma realização dele" (Amatuzzi, 2001a, p. 25). Esta é uma regra importante no contexto da psicoterapia: o silêncio primordial carrega o sentido das falas, mas é pela fala que este sentido se realiza. Buscar o sentido anterior à fala não implica em negá-la, mas em acolhê-la. Como a regra dialética nos ensina, a resposta está contida na própria pergunta. É pela fala que acessamos o silêncio primordial. Ao terapeuta cabe caminhar junto com seu cliente, na fala dele, através dele.

Merleau-Ponty (1945) ainda dá exemplos de falas originárias: a do apaixonado (que descobre sua paixão), a do escritor (ou filósofo, que despertam a experiência primordial), a do poeta. Nestes, é o silêncio pré-verbal que mobiliza e conduz a fala: esta, já estava contida neste silêncio: o apaixonado identifica seu sentimento, que se revela (que se desvela), e que pré-existia (e que toma um formato novo, um novo estatuto, ao ser descoberto). Este é o mesmo caminho que Buber (1923/1979) aponta para a relação dialógica: o homem se realiza na linguagem, quando se torna palavra. Palavra, para Buber, é ato.

A Fenomenologia propõe que o significado, o sentido, aquilo que habita a palavra, não é o pensamento, é anterior a este. A isto Husserl denomina de "experiência pré-reflexiva": a isto Merleau-Ponty chama de "intenção primordial". É sobre este solo filosófico que a maioria das práticas psicoterápicas ditas humanistas, fenomenológico-existenciais ou simplesmente existenciais se apoia quando constituem suas praxis num desvelar de sentidos, numa busca de significados anteriores às falas, num conjunto de métodos e técnicas com vistas a permitir ao cliente retornar à sua experiência vivida. É neste que se constitui a possibilidade de compreendermos o "retorno às coisas mesmas" da Fenomenologia.

Quando Carl Rogers define sua proposta psicoterapêutica como sendo um processo, cujo centro é a troca de experiências vivenciais entre terapeuta e cliente, caminha na direção de uma Fenomenologia. Imprescindível uma postura específica da parte do terapeuta, como sendo a "(...) dedicação do terapeuta em ir na direção do cliente, no ritmo do cliente e com a maneira única de ser do cliente" (Bozarth, 1979, p.1). A "Abordagem Centrada na Pessoa" de Rogers supõe um compromisso da totalidade do terapeuta com a totalidade do cliente.

Max Pagès (1986) aponta que "(...) Rogers é implicitamente fenomenólogo a nosso ver na medida em que para ele a fonte de todo conhecimento autêntico reside numa experiência que partindo da experiência cotidiana, destaca-se daquela que contém pré-concepções e quadros intelectuais deformantes" (pp. 5-6). Mas Spiegelberg (1972) assinala a influência, sobre Rogers, de dois de seus colaboradores. Donald Snygg (que mantinha contatos com Köhler e Koffka) e Arthur Combs, afirmando contudo que o caso de Rogers seria de "(...) um espontâneo paralelo posterior confirmado pelo descobrimento de acordos corroborativos" (p. 150)

Quando a Gestalt-Terapia fala de awareness, por exemplo, e a define como a experiência de estar em contato com a própria existência ou, como assinala Ribeiro (1993), como a experiência de estar consciente da própria consciência, está-se assinalando este "retorno" a uma experiência que a Fenomenologia descreve como sendo pré-predicativa. Todavia, esta awareness não pode ser um "objetivo" a ser perseguido pela terapia, pois se tornaria um "objeto". Mas o caminho proposto pela Gestalt-terapia que alguns de seus interlocutores principais definem como sendo o "contato" (Perls, Hefferline & Goodman, 1951/1997; Polster & Polster, 1973/2001) - pode ser o caminho que permite a apresentação dessa linguagem a que nos referimos.

A finalidade da psicoterapia é levar o cliente à sua consumação, isto é a desdobrar-se até a plenitude no agir, no pensar, no expressar-se pela linguagem. Isto significa que o homem todo inteiro é o sujeito do processo psicoterapêutico (...). O discurso unitário é a pessoa do cliente e a do profissional, o vínculo é a relação. Neste sentido, a relação é uma Gestalt. (Ribeiro, 1985. p. 30)

Quando a Daseinsanálise fala de abertura, está falando da dimensão existencial do ser humano. "Se há algo que é essencialmente de natureza humana é a abertura. É para isso que Martin Heidegger nos chama a atenção em sua ontologia fundamental. O homem é essencialmente ser-aberto diante do que vem a seu encontro no seu mundo" (Cytrynowicz, 1997. p. 64). É compara a figura do terapeuta com a do jardineiro, que cultiva uma planta:

(...) é tarefa primordial do terapeuta zelar pelo desabrochar da riqueza humana, isto é, estar constantemente atento para o desvelamento do poder-ser próprio de cada paciente. Não é o terapeuta quem deve indicar o que é próprio de cada paciente - isto é até um contra-senso em relação ao sentido mesmo do próprio. O terapeuta deve atuar como um jardineiro que cultiva uma planta. O jardineiro não produz a planta como se produz um automóvel, não cria a terra, nem a semente, nem planeja os passos que devem ser seguidos pela planta para atingir a maturidade, florir e frutificar. Ele somente cria melhores condições (...). O terapeuta deve auxiliar o paciente a desvelar as próprias possibilidades (Cytrynowicz, 1997, pp. 69-70)

Igualmente, a Fenomenologia e a Analítica Existencial de Heidegger re-constituem o olhar que a psicoterapia e a psiquiatria podem ter sobre o fenômeno da patologia, ou sobre o "ser-doente". Como assinalam Boss e Condrau (1997, p. 29).

(...) qualquer modo do ser-doente só pode ser compreendido a partir do modo do ser-sadio e da constituição fundamental do homem normal, não perturbado, pois todo modo de ser-doente representa um aspecto privativo de determinado modo de ser-são.

Estas perspectivas filosóficas introduzem temas que norteiam a análise existencial, tais como a corporeidade, a espacialidade, a abertura e a liberdade. São temas que se articulam no sentido de ajudar à compreensão do ser-do-homem. Igualmente permitem novas perspectivas no campo da psicoterapia, seja pela ótica da própria compreensão do fenômeno humano, seja pela introdução de novas técnicas ou instrumentais. No caso da Daseinsonálise, a leitura heideggeriana introduz um novo *modus operandi* em relação à análise dos sonhos, por exemplo. Para a Daseinanalise, o sonho é um modo que o sonhador tem de estar-no-mundo, comparando-se o mundo onírico ao mundo da vigília. Assim sendo, o sonhar contém a história de vida do sonhador - passada, presente e futura - e seus elementos aludem a esta história, e faz com que a análise do sonho estabeleça relações entre o sonhador e seu mundo vivido (Santos, 2004). Segundo Boss e Condrau (1997).

(...) a abordagem daseinanalítica da constituição fundamental do ser- humano (...) é igualmente importante na prática terapêutica. Permite notavelmente a aplicação da terapêutica de uma nova compreensão dos sonhos, assim como uma concepção completamente diferente da- quilo que se chamou até agora nas escolas freudianas e junguianas de transferência entre o paciente e o terapeuta. Menos palpáveis, mas não menos essenciais na prática terapêutica são as modificações que se interpuseram no clima da análise. (p. 33)

Com a Logoterapia de Viktor Frankl, a influência da Fenomenologia e da Analítica Existencial toma contornos de fundamentos básicos, mesmo que as referências de Frankl à fenomenologia sejam limitadas. Frankl em conferência de 1961 - nomeia a fenomenologia como um dos "fundamentos filosóficos" da Logoterapia, referindo-se a uma análise dos "dados imediatos da experiência" a partir de um suporte fenomenológico, descrito em seu texto intitulado *Psychotherapy and Existentialism* (Frankl, 1967; Spiegelberg, 1972). Definida como a "psicoterapia do sentido da vida", a Logoterapia que durante muito tempo foi chamada de "análise existencial", procura compreender o homem como um ser que busca sentido para sua vida, e que o sofrimento e a falta de sentido configuram o que Frankl (1991) define como o "vazio existencial". Uma referência pode nos ajudar a compreender como que a perspectiva existencial introduz um novo sentido de apreensão do fenômeno psicológico, segundo Frankl:

Nem todo conflito é necessariamente neurótico; certa dose de conflito é normal e sadia. De forma similar, o sofrimento não é sempre um fenômeno patológico: em vez de sintoma de neurose, o sofrimento pode ser perfeitamente uma realização humana, especialmente se o sofrimento emana de frustração existencial (...). A frustração existencial em si mesma não é patológica nem patogênica. A preocupação ou mesmo o desespero da pessoa sobre se a sua vida vale a pena ser vivida é uma angústia existencial, mas de forma alguma uma doença mental. (Frankl, 1991. p. 94).

Todos esses exemplos não fazem destas abordagens formas "puras" de fenomenologia, nem constituem uma "escola" fenomenológica de psicoterapia, mas deixam claras as possibilidades que o método tem de se constituir numa prática. A rigor, nos dá como norte, a ideia de que uma prática sem fundamentação, é uma prática vazia; mas uma clínica embasada se torna um momento de transformação.

Uma prática clínica objetiva deve vir precedida de uma reflexão crítica sobre si mesmo. Num dos poucos legados escritos de Laura Perls, encontramos uma passagem que reflete tanto sua clareza de ideias quanto sua lucidez epistemológica contrariamente a Fritz, que nem sempre apresentava uma posição epistemológica lúcida quando relembra uma passagem do Fausto de Goethe, e se remete a Mefistofeles dizendo que "o Diabo é o mestre dos atalhos, e (...) suas ferramentas são a simplificação, a manipulação e a deformação" (Perls, 1994, p. 140). Com isto chamava a atenção para o risco de se confundir a prática clínica com um conjunto de técnicas. Nesta direção, a fenomenologia pode ser um excelente instrumento de fundamentação para a clínica, mas não pode ser confundida com "instrumentais" clínicos.

Seria mais fácil se delimitar um campo de "pesquisa fenomenológica". Esta facilitação se dá pela dificuldade que o terapeuta - no campo clínico- tem de se desvincular do conjunto de a priori presentes em sua prática, em especial no que se refere às diversas "meta-teorias" - aqueles pressupostos conceituais que constituem o continente teórico de determinada abordagem, que servem de solo para suas proposições técnicas e que findam por se tomar o único "crivo" interpretativo da realidade à qual invariavelmente, os terapeutas recorrem para justificar suas práticas.

Por "pesquisa" queremos significar a atitude de buscar conhecer. E afinal, como já apontara Sócrates, a atitude fundamental para se procurar conhecer é reconhecer que nada se sabe ou, como numa clássica epígrafe de Vincent Van Gogh: "E preciso aprender a ler, como é preciso aprender a ver e aprender a viver".